A IDEOLOGIA DO ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO

Ilzo Rafael FONSECA. Instituto Federal Catarinense - IFC.
Eixo: Fundamentos teóricos da educação
ilzo.fonseca@ifc.edu.br

Resumo
O presente artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos da ideologia no ensino de administração. Para tanto, realiza-se uma investigação teórica e bibliográfica sobre o ensino de administração e a ideologia fundamentada em alguns dos principais pesquisadores da produção acadêmica brasileira sobre o assunto. Considerando a complexidade do tema, o artigo aborda alguns elementos relacionados às concepções de ideologia com a teoria e o ensino de administração. Na análise realizada, entende-se que a forma de ideologia que é mais poderosa e difícil de combater é aquela que se fundamenta na realidade superficial e aparente, que se "entranha" na consciência da sociedade e oculta a essência dos fenômenos reais. Isto quer dizer que a ideologia é uma forma de expressão nas ideias, no pensamento e na consciência, de uma realidade superficial, que possui coerência com a aparência dos fenômenos reais, mas que oculta a sua essência, de forma que permite a manutenção das relações de dominação na sociedade. E que o ensino de administração e a própria teoria da administração possuem essas características.

Palavras-chave: ideologia. ensino. administração.

1. Introdução

O debate sobre ideologia foi recolocado em pauta na sociedade brasileira com grande força nos anos de 2018 e 2019 nos mais diversos campos, que envolvem economia, política e particularmente a educação. Existem uma série de definições para a palavra ideologia, por exemplo Eagleton (1997) listou dezesseis definições diferentes na sua pesquisa. O autor procura desenredar as origens e as implicações dos principais significados de ideologia e propõe seis diferentes definições de ideologia, que parte de um enfoque mais amplo e vai progressivamente aumentando a especificidade e a nitidez. Então é um tema complexo, que exige atenção. Neste estudo se propõe uma análise de algumas compreensões diferentes sobre a ideologia e como ela se relaciona com a educação e o ensino, no caso especificamente, relacionado ao ensino de administração.

O estudo justifica-se, pela necessidade de se conhecer e analisar o tema da ideologia, que tem repercutido na população, nas escolas e no trabalho dos professores. Este tema tem sido tratado de maneira propagandística e pouco científica no meio político.

O objeto de estudo refere-se ao ensino de administração, um ensino técnico e profissionalizante, que para muitas pessoas parece estar isento das questões ideológicas e estar baseado na "neutralidade axiológica", isto é, numa espécie de "neutralidade de valores". Na área de administração é possível observar autores, professores e estudantes

defendendo essa “neutralidade”, o maior clássico sobre a “neutralidade axiológica” estudado na administração é Max Weber. Nesse sentido, o estudo também pretende discutir um pouco dessa suposta “neutralidade ideológica” na teoria e no ensino da administração. Tema importante para se conhecer e analisar a ideologia no campo da administração e talvez em algumas outras áreas do conhecimento. Ainda que seja um estudo introdutório e que não pretenda esgotar o assunto, a sociedade brasileira está um pouco carente de fundamentos para analisar o assunto, e todo o conhecimento e análise que venha para contribuir com o debate e com o conhecimento da sociedade sustenta sua necessidade de ser realizado e divulgado.

Para tanto, tem-se o seguinte problema de pesquisa: *Qual a relação entre ideologia e ensino de administração?* E para tentar responder a essa pergunta, definiu-se os seguintes objetivos. Tem-se como objetivo geral: *Analisar alguns aspectos da ideologia no ensino de administração*. E como objetivos específicos têm-se os seguintes: a) pesquisar diferentes entendimentos sobre ideologia na sociedade e na educação; e b) investigar a produção acadêmica referente à administração e ideologia.

Para alcançar esses objetivos, a proposta de procedimentos de pesquisa é predominantemente teórica/bibliográfica, ressaltando uma revisão da literatura sobre o tema. E, para tanto, estruturou-se o artigo da seguinte maneira: 1) introdução, apresentando o tema da pesquisa, sua justificativa, o problema de pesquisa, os objetivos do trabalho, os procedimentos metodológicos e a estruturação final; 2) uma análise sobre o ensino de administração e a ideologia com base em alguns dos principais pesquisadores da produção acadêmica brasileira sobre o assunto; e 3) as considerações finais.

2. Ensino de administração e ideologia

A teoria da administração desenvolvida ao longo da história e ensinada nas universidades e escolas técnicas e profissionalizantes possui em grande medida o objetivo de contextualizar o desenvolvimento de técnicas que podem servir de inspiração para que sejam utilizadas de maneira adaptável a realidade local das organizações atuais. Várias das ferramentas administrativas que foram produzidas historicamente são sistematizadas de forma pragmática para facilitar a aplicação e adaptação em contextos semelhantes. Todavia, por trás da aparente neutralidade do ensino das várias ferramentas e técnicas de administração para formar trabalhadores técnicos administrativos, gerentes, administradores de empresas e empreendedores há uma formação oculta, que costuma não aparecer nos currículos oficiais dos cursos.

Tragtenberg ressalta outra visão que não é apresentada pelos autores dos manuais de administração presentes no quadro acima. Segundo Tragtenberg (2012, p. 43),

“administração é antes de mais nada o exercício do poder por intermédio de um quadro administrativo, que atua como elemento mediador entre os que detêm o poder de decisão e a sociedade civil, especialmente os não proprietários”. Tragtenberg (2006, p. 109) ainda enfatiza que “as teorias administrativas são dinâmicas, elas mudam com a transição das formações socioeconômicas, representando os interesses de determinados setores da sociedade que possuem o poder econômico-político”.

A abordagem clássica da teoria da administração, iniciada pela Administração Científica, cujo principal fundador e autor mais conhecido foi Frederick W. Taylor, foi representada no cinema pela clássica obra de Charles Chaplin, *Tempos Modernos* (1936). Neste filme, Chaplin (1936) busca demonstrar de maneira cômica e crítica a situação dos trabalhadores no período do taylorismo-fordismo. Sobre esse período, para Tragtenberg (2006, p. 241),

> Taylor reproduz na linguagem administrativa a estrutura vinculada à produção simples do trabalho e a reprodução ampliada do capital. A racionalização taylorista situa-se fora do homem; é a razão do homem como agente das relações, tendendo a identificar a natureza humana com a força de trabalho simples, na qual se dá o processo de valorização do capital pelo trabalho em que o operário não utiliza os meios de produção. São estes que o utilizam.

Isto quer dizer que para Taylor e a linguagem administrativa da época, a racionalização dos processos de trabalho ocorriam em benefício da produção e reprodução ampliada do capital e em prejuízo da vida dos trabalhadores e do desenvolvimento de suas potencialidades humanas, tratando os trabalhadores como meras partes que complementavam a função das máquinas. Aí também já aparece que o trabalho humano para a sobrevivência nessa sociedade está subordinado ao ritmo das máquinas e, sobretudo, à valorização do capital.

E Tragtenberg (2006, p. 242) continua,

> Na reprodução social fundada no trabalho fabril, aparece um meio artificial em desacordo com as propriedades biológicas e psíquicas que caracterizam o homem durante séculos. Esmagado pelo meio artificial do qual é servo, nas suas relações com a hierarquia industrial, na separação entre o trabalho manual e o intelectual, o homem vê o mundo, isto é, as condições de produção e reprodução de sua existência como algo *estranho*, sem relação com seu desenvolvimento pessoal; é dominado por uma criação de suas próprias mãos: o produto final da empresa.

O taylorismo é um dos exemplos clássicos da teoria geral da administração, no entanto, outras escolas do pensamento e da prática administrativa também podem ser analisadas, o próprio Tragtenberg faz essa análise do período inicial da “ciência da

administração", destacando o caráter ideológico das "harmonias administrativas" na teoria da administração do taylorismo/fordismo, na escola das relações humanas, na escola comportamental e na teoria da burocracia. Paula (2002) revisita a obra de Tragtenberg e continua a análise da *ideologia das harmonias administrativas*[i] de algumas das principais teorias da administração que sobrevém ao período de acumulação flexível do capital, ao desenvolvimento do toyotismo, da teoria dos sistemas e da teoria da contingência. A autora sintetiza os principais pontos desenvolvidos em seu artigo da seguinte maneira:

> a) as teorias administrativas são produto das formações socioeconômicas de um determinado contexto histórico, de modo que são extremamente dinâmicas na sua potencialidade de se adaptar às demandas do modelo de acumulação capitalista e regulação social vigentes;
> b) as teorias administrativas se expressam de duas maneiras — ideologicamente, ao se manifestarem como idéias eficientes e destituídas de historicidade, que recorrem a disfarces mais ou menos conscientes para esconder a verdadeira natureza da situação, e operacionalmente, ao constituírem práticas, técnicas e intervenções consistentes com estas idéias;
> c) as teorias administrativas são adaptativas, mas obedecem a um princípio genético, a uma herança cumulativa a partir da qual são criadas e reelaboradas;
> d) a burocracia é o aparelho ideológico que congrega as teorias administrativas e também é produto e reflexo do contexto histórico e socioeconômico no qual está inserida; assim, para identificar a burocracia na estrutura da empresa, é preciso transcender o hábito de caracterizá-la a partir do tipo ideal weberiano, para interpretá-la como um fenômeno historicamente situado e uma forma de dominação (PAULA, p. 128-129).

Para Tragtenberg (2006) e Paula (2002), as teorias administrativas possuem uma tendência ideológica de perpetuar harmonias nas relações entre capital e trabalho, para manter e ampliar a produtividade nas organizações e reduzir as tensões entre trabalhadores e capitalistas. Mesmo quando as teorias administrativas enfatizam ferramentas e técnicas, essas práticas não estão esvaziadas de ideologia, uma vez que servem para naturalizar comportamentos e valores do modo de vida dominante e a manutenção das relações de poder existentes na sociedade. Inclusive buscam isso por meio de uma retórica e vocabulário amigável que ressalta a cooperação, a colaboração, o consenso, a integração, a participação, etc. Nesse sentido, as teorias administrativas enfatizam os aspectos superficiais das relações de trabalho e ocultam as relações mais profundas, tanto as de poder e de dominação, mas sobretudo, as relações sociais de produção e de exploração do valor da força de trabalho.

Para Tragtenberg (2004, p. 71) "a teoria administrativa não é inocente, é anti-sindical, foi uma resposta patronal à organização da mão-de-obra [...]". E concluí que

> A Teoria Geral da Administração é *ideológica*, na medida em que traz em si a *ambiguidade* básica do processo ideológico, que consiste no seguinte: vincula-se ela às determinações sociais reais, enquanto *técnica* (de trabalho industrial, administrativo, comercial) por mediação do *trabalho*; e afasta-se dessas determinações sociais reais, compondo-se num universo sistemático organizado, refletindo deformadamente o real, enquanto *ideologia* (TRAGTENBERG, 2006, p. 108).

Em muitos casos a teoria da administração pode assumir o caráter ideológico de refletir deformadamente o real, todavia ela é muito mais eficaz e eficiente em sua ideologia quando de maneira sofisticada e sutil ela expressa o real de maneira superficial e oculta as relações mais profundas, criando conceitos e técnicas que ocultam e tornam misteriosas determinadas relações sociais, de modo que mistificam em teorias e formas de pensamento as representações superficiais de mistificações objetivas reais. Isto quer dizer que as teorias administrativas preocupam-se em demonstrar aquilo que lhes interessa e ocultar o que não lhe é conveniente, suprimindo relações essenciais de produção específicas da sociedade capitalista.

Alguns autores estudados por Eagleton (1997) propõem a ciência como forma de desvelar a essência dos fenômenos e de superação da ideologia e da mistificação. No entanto, é preciso ter cuidado para não se cair num mito ideológico de salvação por meio da ciência[ii]. Nesse sentido, Luckács (2012), assim como o próprio Tragtenberg, entre outros autores, ressaltam que não se deve esquecer das contradições inerentes à própria ciência. Isso quer dizer que no cotidiano, os fenômenos aparecem frequentemente de maneira superficial, ocultando a sua própria essência ao invés de revelá-la. Com condições históricas favoráveis, a ciência costuma contribuir para se aprofundar o conhecimento e se aproximar constantemente da revelação das questões essenciais presentes nos fenômenos, porém nem sempre visíveis na superficialidade. Todavia, em outros contextos, a ciência pode atuar no sentido contrário, obscurecendo e/ou deformando a análise e o conhecimento dos fenômenos existentes na vida social cotidiana.

Segundo Faria e Meneghetti (2010, p. 41),

> Para esconder a influência e a força com que a ideologia está presente na ciência, vários são os cientistas e filósofos que anunciaram a neutralidade científica; muitos deles, inclusive, apresentando estudos e reflexões logicamente fundamentados. Entretanto, é importante ressaltar que mesmo a lógica tradicional se rende à apresentação formal. Nem sempre as contradições estão no nível da percepção ou do aparente, pois, se assim o fosse, não haveria contradição na ciência.

Citando Adorno e Horkheimer (1985), Faria e Meneghetti (2010, p. 41), afirmam que a ciência, na era da quantificação, "esconde a barbárie por meio de discursos fundamentados numa suposta neutralidade, além de mascarar interesses econômicos, estando supostamente desvinculada de tendências ideológicas ou políticas". E, nesse sentido, asseveram que "a ciência da 'neutralidade científica' é utópica, porque toda ciência é sempre uma ciência de classe ou de grupo dominante, mesmo havendo contradições no seu interior" (FARIA & MENEGHETTI, 2010, p. 41).

Complementando a análise, pode-se citar que

> A ciência, nas suas variadas formas e concepções, é um produto histórico. Em cada época, vem para atender aos interesses dos grupos dominantes, mas, ao mesmo tempo, atende a outros grupos, porque a própria ciência precisa se apresentar como fonte mediadora dos conflitos e dos diversos grupos que compõem a sociedade. Por isso, "ainda que a ciência esteja compreendida na dinâmica histórica, ela não deve ser destituída do seu caráter próprio e utilitariamente mal interpretada. [...] a ciência é um fator do processo histórico" (HORKHEIMER, 1990, p.7-8) (FARIA & MENEGHETTI, 2010, p. 44).

Nesse sentido, na atualidade é preciso se desconfiar de todas as tentativas e afirmações enfáticas de "neutralidade" e de "purificação", pois Faria e Meneghetti (2010, p. 43) lembram que para Kant, "não é possível pensar sem as operações dos conceitos, pois, mesmo o mais simples pensamento não se isenta dessa necessidade". E acrescentam que "da mesma forma, os conceitos não implicam total isenção de valores, pois resultam das relações sociais, neles estando presentes pelo menos duas figuras: quem conceitua e quem opera os conceitos" (FARIA & MENEGHETTI, 2010, p. 43). Os autores ainda concluem relacionando as condições de pesquisa com as formas de dominação burocráticas tanto das empresas privadas quanto do Estado que "não ocorre a suposta neutralidade axiológica, pois as ideologias estão o tempo todo permeando o espaço, os procedimentos e os recursos financeiros do pesquisador" (FARIA & MENEGHETTI, 2010, p. 49). E afirmando que a "subordinação à burocracia científica limita-o na sua jornada pela busca do conhecimento científico" (FARIA & MENEGHETTI, 2010, p. 49).

No que diz respeito à Teoria Geral da Administração, os autores (2010, p. 45) ressaltam que

> conforme o próprio Maurício Tragtenberg afirma: a teoria geral da administração é ideologia. Nas escolas de administração, os alunos dos primeiros períodos a concebem na aprendizagem como ciência. Isto porque a literatura que aborda a temática apresenta a história da administração e as escolas componentes de forma funcionalizada e pragmática, ou seja, como conhecimento instrumental de base para as disciplinas específicas de natureza

> técnica, tais como administração da produção, de recursos humanos, financeira e demais. É por isso que a ciência é contraditória, pois, ao mesmo tempo em que liberta, aprisiona.

Em relação à teoria e prática da administração e a sua ideologia, Bicalho e Paula (2012) analisam alguns aspectos de experiências de empresas juniores[iii] e a reprodução da ideologia da administração. As autoras (2012, p. 899) analisam que

> O sujeito raptado pela ideologia da administração é um indivíduo S.A. [Sociedade Anônima], o qual é caracterizado como uma simples encruzilhada das tendências gerais. O indivíduo S.A. vive à sombra da necessidade de sobreviver, ele está condenado à pseudoindividualidade, pois todo seu esforço de individuação é substituído pelo esforço de imitação. Consequentemente, o indivíduo é tomado por impulsos miméticos, fazendo de si mesmo um "aparelho eficiente" que corresponde ao "modelo" apresentado pela indústria do *management* [administração, gestão]. Ademais, ele se identifica diretamente com a cultura do *management*, que chamamos de ideologia da administração, buscando se enquadrar ao modelo estabelecido sócio-historicamente, a fim de evitar a exclusão do mercado de trabalho. Nesse contexto, o sucesso profissional torna-se para o indivíduo S.A. um referencial para conduzi-lo com segurança a um mundo que é alheio ao seu arbítrio.

Dentro desse contexto, Bicalho e Paula (2012) realizam uma análise no que diz respeito a questões relacionadas com a educação. Para tanto, se fundamentam em autores como Theodor Adorno e Fernando Cláudio Prestes Motta, como na seguinte citação:

> Nesse contexto, "[...] a organização do mundo converte-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação" (ADORNO, 2006, p. 143). Mesmo porque a educação torna-se mais um aparato difusor e integrador, por meio da formatação das percepções atinentes ao real, justificando-a pela aparência enganadora da racionalidade administrativa. Entre as instituições tradicionais que auxiliam na encucação [sic.] dos preceitos ideológicos, de modo algum, poder-se-ia ignorar a potencialidade da educação, visto que "[...] toda relação de hegemonia é, necessariamente, uma relação pedagógica" (MOTTA, 1979, p. 27) (BICALHO & PAULA, 2012, p. 899).

Bicalho e Paula (2012) questionam o caráter científico das disciplinas que envolvem o termo "gestão", pois essas disciplinas englobam o ensino de um conjunto de técnicas, ferramentas, métodos, isto é, um conhecimento prático de como saber fazer algo que seja útil ao gerenciamento das organizações. "São matérias essencialmente voltadas para a ação. Elas não permitem compreender a realidade como ela é, pois são construídas para transformar essa realidade com base em objetivos de produção" (BICALHO & PAULA, 2012, p. 900). Desta forma, essas matérias são normalmente "dominadas por

considerações normativas e pragmáticas contraditórias com o pensamento científico" (BICALHO & PAULA, 2012, p. 900). E que em sua essência tendem a modelar a maneira como as pessoas gerem a sua própria vida baseadas e por meio de técnicas e comportamentos que demonstrem resultados no campo da gestão das coisas, sobretudo, na realização financeira por meio da exploração do trabalho na sociedade para a realização de lucros.

Nesse sentido, as autoras (2012, p. 900) analisam que

> cabe às escolas de administração a encucação [sic.] dos preceitos da ideologia da administração de maneira que tal código de valores e condutas oriente a organização das atividades de forma a garantir controle, eficiência e competitividade máximos, e que sua reprodução, por meio de um conhecimento instrumental de novas metodologias e técnicas, destine-se à assimilação do discurso gerencial como um dogma. Desse modo, tal discurso ganha contornos de ideologia, inibindo reflexões mais críticas sobre o significado de sua hegemonia e sobre suas consequências na vida social, organizacional e pessoal.

O sistema social instituído historicamente se sobrepõe aos estudantes, subordinando-os ao seu fetiche e suas formas de dominação, que foram criadas pela própria humanidade e que se voltaram contra ela, dominando-a, subordinando as necessidades da humanidade às necessidades de acumulação e reprodução ampliada do capital e seu sistema histórico e social de produção. Uma vez que no sistema capitalista para que as pessoas realizem suas necessidades humanas precisam consumir mercadorias e que, nesse sistema, para se produzir mercadorias é necessário que se produza capital de modo incessante e insaciável. E esse capital precisa ser produzido por meio da exploração de um valor a mais produzido pelo conjunto da classe social que realiza a venda de sua força de trabalho.

Nesse contexto, na análise das empresas juniores (EJ) realizada por Bicalho e Paula (2012, p. 908), os estudantes "quando muito, desafiam tal estrutura pontualmente e, logo depois, reconciliam-se apáticos. Não ocorre qualquer questionamento por parte dos membros da EJ a respeito do papel de reprodução das instituições de mercado que a empresa júnior acaba por desempenhar". Desta forma, portanto, as autoras asseveram que materializa-se uma "dominação sutil". Essa "dominação sutil", segundo as autoras (2012, p. 909) é na expressão de Adorno (2002, p. 26), que

> a totalidade das instituições existentes os aprisiona de corpo e alma a ponto de sem resistência sucumbirem diante de tudo que lhes é oferecido. E assim como a moral dos senhores era levada mais a sério pelos dominados do que pelos próprios senhores, assim também as massas enganadas de hoje são mais submissas ao mito do sucesso do que os próprios afortunados. Estes têm o que

> querem e exigem obstinadamente a ideologia com que se lhes serve.

Nessa citação vê-se que os autores, tanto Adorno quanto Bicalho e Paula, parecem interpretar a ideologia como uma forma de ilusão, de enganação, que pode ser uma forma de ideologia. Porém, na análise realizada nesse artigo, se entende que a forma de ideologia que é mais poderosa e difícil de combater é aquela que se fundamenta na realidade superficial e aparente, que se "entranha" na consciência da sociedade e oculta a essência dos fenômenos reais. Isto quer dizer que a ideologia é uma forma de expressão nas ideias, no pensamento e na consciência, de uma realidade superficial, que possui coerência com a aparência dos fenômenos reais, mas que oculta a sua essência, de forma que permite a manutenção das relações de dominação na sociedade. E que o ensino de administração e a própria teoria da administração possuem essas características.

3. Considerações finais

Nesse breve artigo, apresentou-se um pouco mais sobre a complexidade do estudo da ideologia e sua relação com o ensino escolar. Tem-se percebido que a sociedade brasileira tem absorvido uma compreensão de ideologia bastante parcial, superficial e unilateral. Essa compreensão tem sido propagada e disseminada recentemente ao conjunto da população, sobretudo, por uma parte dos políticos brasileiros.

Percebe-se que ao longo da história humana foram diversos os autores que estudaram e pretenderam desenvolver teorias que envolvem a ideologia para analisar a sociedade de seu período histórico e tentaram soluções que buscavam atender necessidades da sociedade ou de alguns grupos e/ou classes sociais. O termo ideologia surgiu na França, no contexto da Revolução Burguesa, com uma perspectiva iluminista e positivista. Vários foram os autores desse campo epistemológico que buscaram desenvolver o tema, ressaltando diferentes aspectos, muitas vezes conflitantes. Outra clássica concepção sobre a categoria ideologia se deriva dos estudos de Marx sobre a filosofia alemã e sobre o modo de produção capitalista. Além de Marx e Engels, vários autores marxistas desenvolveram concepções de ideologia, algumas inclusive, que conflitavam entre si. Na abordagem "pós-moderna" muitas vezes se procurou ressaltar um olhar sobre o "fim da ideologia", pois acreditando que a ideologia está presente em tudo ela deixaria de ter valor explicativo, isto é, não serviria como categoria de análise, além de outras perspectivas que se buscavam "anti-ideológicas".

Na pesquisa sobre a relação da teoria e o ensino de administração e a ideologia percebeu-se que por trás de um aparente discurso de neutralidade do ensino de técnicas e capacitação para o trabalho, há também uma formação que nem sempre faz parte do

currículo oficial dos cursos, mas que sem dúvida é essencial no currículo oculto na formação de administradores e técnicos administrativos. Essa é a formação de comportamentos e valores alinhados com a manutenção das relações sociais dominantes, tornando os seres humanos disciplinados e com capacidades técnicas e emocionais para se adaptarem às relações de emprego e de desemprego. Percebeu-se também que na maior parte das vezes a teoria e o ensino de administração ocultam e/ou invertem determinadas contradições presentes nas relações sociais de dominação e/ou de relações de exploração da força de trabalho. Desta forma, apresentando a realidade de maneira deturpada, isto é, somente ressaltando o que lhes interessa, e/ou apresentando a realidade apenas em sua superficialidade, na aparência dos fenômenos, sem desvelar a essência real dos fenômenos da produção capitalista. Considerou-se que a forma de ideologia mais eficaz e difícil de combater é aquela que se fundamenta na realidade superficial e aparente, que se "entranha" na consciência da sociedade e oculta a essência dos fenômenos reais. Isto quer dizer que para nós a ideologia é uma forma de expressão nas ideias, no pensamento e na consciência, de uma realidade superficial, que possui coerência com a aparência dos fenômenos reais, mas que oculta a sua essência, de forma que permite a manutenção das relações de dominação na sociedade. E que o ensino de administração e a própria teoria da administração possuem essas características.

Para revelar a essência desses fenômenos muitas vezes tem-se que utilizar a ciência, porém sem ter demasiadas ilusões quanto a esta, para evitar cair no mito da salvação pela ciência. Como foi visto, em momentos favoráveis a ciência pode ser muito útil para desvelar a essência dos fenômenos reais, todavia, em momentos desfavoráveis, ela pode criar exatamente o efeito contrário e deturpar e/ou ocultar o conhecimento da realidade. Nesse sentido, foram inúmeros os autores que buscaram combater a ideologia por meio da teoria ou da ciência, ainda hoje, esse parece ser um pensamento predominante no meio científico. Desta maneira, parece que para a maioria dos pesquisadores, além da teoria e da ciência, a educação e o ensino cumpririam um papel fundamental para se combater a ideologia.

Sem negar a importância da teoria, da ciência, da educação e do ensino, o estudo apontou uma situação ainda mais complexa, que não deve ser negligenciada. Essa questão apresenta algumas limitações, insuficiências e até mesmo equívocos de se acreditar que a teoria, a ciência, a educação e o ensino poderiam ser as soluções para o combate à ideologia. Parece que a frase de Larrain (IN BOTTOMORE, 2001, p. 184), permite ampliar as reflexões e debates nesse sentido. Afirma o autor, "as distorções ideológicas não podem ser superadas pela crítica, só podem desaparecer quando as contradições que lhe deram origem forem resolvidas na prática". Larrain escreve isso baseado nas análises de Marx sobre ideologia alemã de seu tempo. Considerando,

conforme visto ao longo da análise presente neste artigo, que a própria estrutura material da sociedade permite se gerar ideias e crenças ilusórias ou falsas sobre a realidade quando focada na superficialidade das relações sociais existentes, então, nesse sentido, parece coerente que somente por meio de transformações sociais ocorridas na prática, que eliminem as contradições entre as classes sociais, que transformem a estrutura material da sociedade, é que podem ser superadas as distorções ideológicas, e que as contribuições da crítica, da teoria, da ciência, da educação e do ensino são importantes, porém limitadas.

REFERÊNCIAS

BICALHO, Renata de Almeida; PAULA, Ana Paula Paes de. Empresa Júnior e a reprodução da ideologia da Administração. ***Cad. EBAPE.BR***, vol.10, no.4, dez 2012, p.894-910.

CHAPLIN, Charles. **Tempos Modernos**. EUA, 1936.

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. (Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais. ***Cad. EBAPE.BR***, vol.8, no.1, mar 2010, p.38-52.

LARRAIN, Jorge. Ideologia. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: critica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer, Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007. 614 p.

MARX, Karl. Prefácio do livro: **Contribuição a crítica da economia política.** In: Marx. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2005.

PAULA, Ana Paula Paes de. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. ***RAP – Revista de Administração Pública***, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, vol. 36(1), jan./fev., p. 127-144, 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. Administração, poder e ideologia. In TRAGTENBERG, Maurício. **Educação e burocracia**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

_____. Aplicação das teorias de Weber, Selznick e Lobrot à educação. In TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

_____. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

[i] Segundo Paula (2002, p. 128) “constitui-se assim, na visão do autor, a *ideologia da harmonia administrativa*, que, ao dissimular a natural tensão entre os interesses de empresários e trabalhadores, dissolve as energias individuais e sociais direcionadas para a democratização das relações no mundo do trabalho. Isto possibilita

que o monopólio do poder e as relações de dominação prevaleçam, reduzindo as perspectivas de emancipação humana nas organizações. Em outras palavras, a harmonia administrativa favorece a produtividade e a ordem nas organizações, mas está muito longe de promover a liberdade do trabalhador".

[ii] Segundo Faria e Meneghetti (2010, p. 42), "a crença dos cientistas na neutralidade científica é a mesma da dos fiéis em relação às suas religiões. A necessidade da existência de um ente superior manifesta-se com racionalidades diferentes, mas que procuram aconchegar os mesmos temores humanos. A via para essa tentativa é distinta. Os resultados podem ser diferentes, mas o que se procura, tanto em uma quanto em outra, é a consolidação de uma elite específica. Tanto a elite dos sacerdotes como a dos cientistas procura essa diferenciação no interior da sua própria classe. É importante ressaltar, também, que, apesar dessa 'corrida' pelas diferenciações, ocorrem lutas ideológicas, cada qual com seus pressupostos, premissas e verdades". Os autores ainda acrescentam (2010, p. 45), "se em outros tempos a religião era o grande instrumento ideológico, na atualidade, a ciência apresenta-se como a ideologia materializada no interior das relações econômicas e sociais. As relações econômicas na Idade Média configuravam-se diferentemente da forma como ocorrem hoje. A função da religião como instrumento de controle ideológico era o meio mais compatível com o grau de desenvolvimento econômico da época. Na atualidade, o mito está também presente no discurso de salvação pela ciência".

[iii] "Empresas juniores são pequenas empresas sem fins lucrativos, fundadas e gerenciadas por alunos de cursos de graduação de universidades, que prestam serviços para a sociedade e que visam, prioritariamente, o aprendizado anterior ao ingresso no mercado de trabalho dos estudantes envolvidos na empresa. As atividades de consultoria são supervisionadas por docentes e/ou profissionais especializados. Essas empresas caracterizam-se como um laboratório de aprendizagem, ou seja, trata-se de empresas geridas por estudantes de graduação que buscam desenvolver a autonomia e a habilidade no trabalho a ser desenvolvido. Esses aspectos fazem com que a atuação tenha um diferencial, haja vista que parte significativa dos estágios em grandes empresas focaliza a atuação do estagiário em atividades restritas, impossibilitando o desenvolvimento de uma inserção profissional em uma perspectiva mais sistêmica" (TOLFO e SCHMITZ, 2005, p. 28, citadas por BICALHO e PAULA, 2012, p. 901).